

# Lições da loucura

**Curso Livre do ICP-RJ realizado no segundo semestre de 2007 no  
Instituto Philippe Pinel por Marcus André Vieira.  
Transcrição e pesquisa inicial de referências: Leandro Reis**

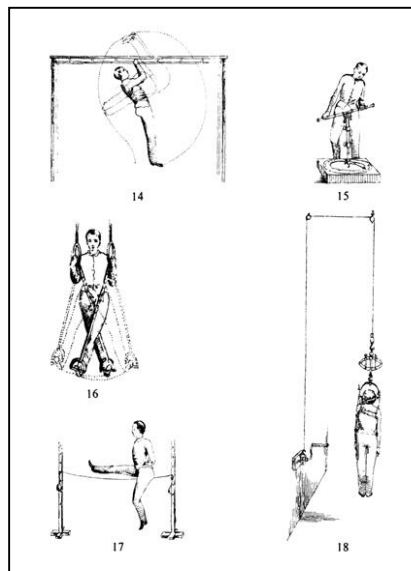
## III – Schreber

### Primeira parte

*A língua fundamental, assassinato da alma, homens feitos nas coxas, pássaros miraculosos, forclusão, emasculação, raios, Ormuzd, Arimã, “este homem que amo eu odeio”, a grande estrada, Flechsig, crepúsculo do mundo, neologismos, o inconsciente a céu aberto, ritornelos, fenômenos elementares, estrutura psicótica, o que é abolido de dentro retorna desde fora, o delírio é uma tentativa de restabelecimento e reconstrução... Falta-nos o pensamento principal.*

Em torno do nome Schreber formou-se um zum-zum tanto genial quanto incomensurável. Schreber é hoje a encruzilhada de ao menos três textos magistrais: o dele

mesmo, o de Freud e o de Lacan. Não pude encontrar método que ali recortasse as falas adequadas. Fiz como o personagem de *Estorvo* e meu *Lufthansa* foi o termo “gozo”. O Schreber de Lacan, às voltas com o gozo, foi o que me pareceu valer destacar.



### Arremate

O que faz com que alguém escreva sem parar, anote, analise, reveja corrija e, nisso, recriando nosso mundo, refaça o seu? Provavelmente o mesmo que fez Van Gogh aplicar camadas e camadas de amarelo sobre seus girassóis. Seu trabalho foi infinito e infinitamente recomeçado, infinitamente transbordo. Daniel, porém, foi capaz de dizer alguma coisa que não lhe pareceu a refazer, pelo menos não durante alguns bons oito anos, em que, graças a sua obra, recobrou seus direitos de cidadão. E isso, em um tempo em que louco bom era louco preso.

### Ponto de basta

De alguma forma, sua angustiada existência pôde ser dividida em alguns pontos e parágrafos. Em algum lugar plantou-se um “ponto de basta”, graças à produção de *Memórias de um doente de nervos*.

O ponto de basta é algo em torno do que “tudo se irradia e tudo se organiza, como nessas linhazinhas de força formadas na superfície de uma trama pelo ponto de estofo. É o ponto de convergência que permite situar retroativa e retrospectivamente tudo o que se passa nesse discurso”<sup>1</sup>

## **Umbigo**

Este algo não é exatamente uma palavra. Sua topologia é muito especial. Como centro nervoso, ele não significa nada, nada diz. As coisas é que dizem com relação a ele. Neste sentido ele é muito mais “umbigo do sonho” do que significante (que só tem valor, significação, com relação a outro). Falando do centro do delírio, Lacan é perfeitamente claro ao destacar este paradoxo de um “cheio” que é, na verdade, com relação à trama do sonho, um furo:

[É um] sentido que tem por natureza ocultar-se mas, que se coloca com um sentido extremamente pleno cuja fuga aspira o sujeito em direção ao que seria o cerne do fenômeno delirante (...). Vocês sabem que umbigo é empregado por Freud para designar o ponto em que o sentido do sonho parece acabar em um buraco, um nó, além do qual é verdadeiramente no cerne do ser que parece se prender o sonho.<sup>2</sup>

## **Postulado**

Quem vem primeiro? O ponto de basta ou o texto do delírio? Lacan às vezes indica um, às vezes outro. Não importa. Não há texto vivo sem uma verdade que o habite, assim como não há sonho sem umbigo. A produção de um ponto de basta é um trabalho de escrita que situa esta construção como algo artesanal e evidentemente concreto.

Para Schreber, o ponto de basta é claramente um artefato, produto concreto do enorme esforço de pensamento a que se vê levado para dar conta da perda de todas as referências em um “crepúsculo do mundo”. O ponto de basta se engendra a partir de um postulado. O *primum movens* será uma certeza, a de que ser uma mulher na cópula pode ser divino. A partir daí todo um delírio se constrói, em que, mulher de Deus, Daniel dará à luz a uma nova raça de seres.

## **Figura e fundo, figura e furo**

Parece loucura. E é. Um minuto, porém. A ideia de que uma mulher deve ter um gozo especial, está por aí, no ar. A mulher, esse ser tão estranhamente sábio e tão elegantemente inaudito, de tantas maneiras cantada, da academia às frases de caminhão. Schreber nada inventou. Apenas colheu essa figura *Yin* da cultura para dar a uma inundação um endereçamento. Os raios divinos agora lhe visam. E, nisso, a própria inundação ganha nome: Deus. Entre Deus e essa mulher em que ele, “emasculado” se tornou, agora há a possibilidade

---

<sup>1</sup>Lacan, J. *O seminário livro 3*, Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 303

<sup>2</sup> *Ibid.*, 2005, p. 294

de uma relação, sexual é verdade, mas tendo um ponto de mira no infinito, um furo, a criação de uma nova raça, um dia, lá na frente. É isso, tal como situa Lacan com seu esquema I na *Questão preliminar*<sup>3</sup>, o ponto de basta de Schreber.

### **Deus pai e deus gozo**

A leitura de Lacan respeita os cânones freudianos. Não é a megalomania que vem primeiro, mas a “fantasia” de ser uma mulher na cópula. Isso permite a Freud relacionar o delírio com o Pai e a seguir falar em uma homossexualidade.

Dessa forma, a intervenção maior de Lacan sobre o texto de Freud foi dizer “atenção, o Deus de que fala Schreber e que Freud aproxima do pai, é tudo menos o papai em que tendemos a pensar”. Nada de carinho terno, ele é possante em invasão e onipresente gozo-mar.

Da mesma maneira a homossexualidade é tudo menos ser gay.

A sequência, retrospectivamente é assim narrada por Lacan. Primeiro esse fenômeno essencial da psicose, o transbordo:

O que é o fenômeno psicótico? É a emergência na realidade de uma significação enorme que não se parece com nada – e isso, na medida em que não se pode ligá-la a nada (...) – mas que pode, em certas condições ameaçar todo o edifício.<sup>4</sup>

Onde Lacan escreve “A significação como tal”, leiamos, o sentimento oceânico de que o mundo é muito mais do que tudo o que vivemos, diante deste milagre do real nossas paixões e existências são apenas, segundo Nietzsche, nuvens que passam em úmidas atribulações. De vez em quando trombamos com esse “poder real”, mas apenas para alguns, como Estamira, ele se apresentou a tal ponto desconectado da pequena malha de significações que costumamos chamar “eu”, nosso território subjetivo no mundo, que fez desmoronar todas as edificações da cidade.

---

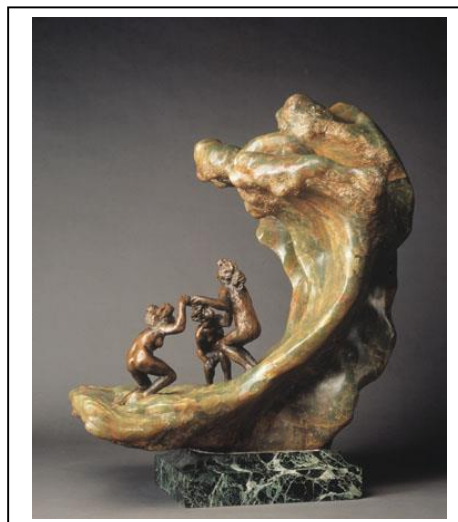
<sup>3</sup> LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: \_\_\_\_ Escritos. RJ: JZE, 1998, p. 537-590

<sup>4</sup> Ibid., 2005, p.102

## **Ondas**

A melhores imagens do transbordo nos são talvez dadas por Camille Claudel e sua série de ondas.

A questão não é se estamos do lado de cá ou de lá da onda. Ela não é o real em si, mas uma construção imaginária dele. Isso posto, a psicose não é apenas uma invasão do real sem nexos que seria a seguir recoberto pelo imaginário (da onda por exemplo) sem que disso participasse o simbólico. A psicose não é um rebaixamento ao nível imaginário das coisas “(...) não é o desenvolvimento de uma relação imaginária com o mundo exterior.” (Lacan, 2005, p. 126)



A linguagem está presente, apenas de outro modo. O fenômeno psicótico, além da inundação, envolve também uma posição de certa exterioridade com relação à linguagem, ao Outro. O incrível é que essa exterioridade o apresenta como tal, *Google*, uma série de frases entrecortadas, interrompidas, rede infinita sem sentido, pois “(...) a função da frase em si mesma não carrega consigo sua significação.” (Lacan, 2005, p. 118). A psicose tem, em meio à seu furacão de significações inacabadas, um mar de textos soltos, frases interrompidas, pensamentos, bibliotecas infinitas, tudo solto à deriva e se acumulando, invadindo inundando. Conclusão: O transbordo é feito tanto de real, quanto de simbólico. Tudo ao mesmo tempo agora...

## **Conexão delírio**

A questão então é de estruturação. Neste ponto surge o delírio, para refazer o mundo a partir do ponto de conexão, ponto de estofo. Daniel ensina sobre como, com o imaginário das figuras da cultura, pode-se construir um ponto de basta. Assim como a mulher, outras figuras estão por aí. Se tenho a sensação de que algo me invade, por todos os lados, posso atribuir àquele sujeito que me deu um esbarrão no ônibus uma intenção e nela colar um rosto. Porque não Bin Laden? Talvez isso dê conta de fornecer a esse real um lugar e um endereço conforme a sua onipresença. A Al-qaeda está em todo lugar, até no Brasil, até no 422 ou no 174. Parece louco? É.

Nem sempre funcionará muito bem essa conexão entre o real de um gozo difuso e um rosto. Só quando ela puder estabilizar a distinção, no transbordo, do gozo (sempre meio enlouquecido) de um lado e do Outro (agora simbólico) do outro. Se a coisa não colar, então

que outras montagens se façam até que alguma sirva. É importante saber porque uma colou e outra não, mas não, como na neurose, para buscar um ser mais profundo, apostando que as imagens mais fortes da verdade estarão no passado ou na infância. Importa mais saber quais as montagens que melhores condições terão de se sustentar.

### **Nome do pai**

Aceitar que o delírio também produz um verdadeiro ponto de basta nos afasta da crença de que para que haja texto de vida estável é obrigatória a crença em um saber maior, do Nome do Pai como único ponto de basta universal. Na psicose, nenhuma das duas vertentes da crença no pai funciona. Nem o pai que tudo sabe, nem o impotente. Nem um saber universal da tradição, que se aceita sem perguntar o porquê, nem a crença em um não-saber universal, habitando todo texto humano e nele inscrevendo uma verdade fugitiva. De quebra, a psicose mostra como essa nossa certeza de que alguém em algum lugar sabe das coisas, apesar de tão operativa, é tão feita de nada. Lacan a chama de avenida principal, “a grande estrada”, para destacar o quanto ela é inteiramente obra humana, mesmo quando segue os relevos do terreno ou as necessidades geográficas.

O que faz com que a Rio Branco seja mais importante do que a Av. Brasil? Nada a não ser uma série de decisões que incluem não apenas sérios arquitetos, políticos corruptos e ativistas do meio ambiente, mas também aqueles que vão usar uma via mais que outra por mil e uma razões até torná-la o leito ideal para o escoamento de toda uma população.

### **Papai Noel**

O caráter aleatório e improvisado desse traçado só não nos aparece de imediato porque acreditamos que tudo o que acontece segue alguma lógica maior. Lacan, a partir de Schreber, não apenas destaca a importância dessa crença, ao situá-la como função paterna, Nome do pai. Ao mesmo tempo exhibe-a no que ela tem de puro artefato ao nela colocar vestes vermelhas e um saco nas costas: “Todos vocês estão e eu mesmo com vocês inseridos nesse significante maior que se chama Papai Noel. Como Papai Noel tudo se arranja, e direi mais se arranja bem.”<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Ibid., 2005, p. 361

## **Homossexual?**

Retome-se então o grande texto de Freud sobre Schreber. Releia-se tudo a partir disso. É o que fez Lacan. Para ele a questão ali é dar nome e endereço a um gozo deslocalizado e uma mediação entre esse gozo e nosso próprio corpo. Ou como afirma:

O que há de tangível no fenômeno de tudo o que se desenrola na psicose é que se trata da abordagem pelo sujeito de um significante como tal e da impossibilidade dessa abordagem (...) Após o encontro, a colisão, com este significante inassimilável, trata-se de reconstituí-lo, já que esse pai não pode ser um pai bem simples, um pai redondinho, o anel de ainda há pouco, o pai que é o pai para todo mundo [o Papai Noel].<sup>6</sup>

A afirmação freudiana de que Schreber estava se defendendo de uma tendência homossexual com relação ao Pai deve ser lida a quilômetros do que pensamos de saída. Aliás, se não fosse assim, como encontrar algum valor neste Freud hoje, quando homossexualismo em nada mais é sinônimo de gozo invasor e os pais são cada vez mais os palhaços da corte?

A psicose ensina o quanto, sem Papai Noel, é preciso, muitas vezes, forjar, em cada texto o lugar de uma certeza invisível, assim como a cada encontro e a cada esquina sua própria cidade.

---

<sup>6</sup> Ibid., 2005, p. 360

*Segunda parte*

## ***Bengalas<sup>7</sup>***

### **Pequeno Retorno**

Na primeira lição falamos do secretário bem como da estabilização de um texto através do nome-do-pai. A isso corresponderia um ponto de basta como verdade, oculta, mas presente. A seguir vimos como esta verdade oculta funciona como um furo e como um furo é vital para a estabilidade textual-subjetiva. Com Schreber, Lacan torna paradigmática a estabilização de um texto pelo que chama metáfora delirante. Neste curso veremos um último modo, bem geral, que chamaremos com Lacan de estabilização pelo nó. O nó é, na verdade, o ponto de investigação, o ponto de chegada do curso inteiro. Esta tal escrita do nó que não seria metafórica, mas é sobre a qual recairá nosso interesse e que foi o ponto de basta do Joyce.

Iremos trabalhar mais isso, mas já adianto que a definição do ponto de basta como furo e da verdade do nome do pai como um entre outros modos de fazer furo, é uma concepção que ficou conhecida como foracusão generalizada. Ela remete diretamente à leitura empreendida por J. A. Miller do que chamou “O último ensino de Lacan”. Deste último ensino extrai a definição de furo que nos orientou.

Tanto Nome do Pai e sua verdade é um furo quanto a metáfora delirante, quanto o nó. Hoje, ainda adiando nossa abordagem do nó, veremos mais em detalhe a relação tanto do NDP quanto da metáfora delirante com seus apoios.

### **Significação enquanto tal (água e areia)**

Partamos do Schreber. Ele é um mundo de textos e ideias. Posteriormente, esses textos foram trabalhados por Freud e Lacan o que o torna triplamente um mundo. Então tomar o Schreber nas suas falas como um material clínico é um acesso complicado. Então, como opção, tomaremos o Schreber de que Lacan nos fala.

O que é um Fenômeno psicótico? Ele é a invasão de um brutal sem-nome que aqui nós nomeamos, ensinados por Estamira, como transbordo, mas Lacan nomeia como significação enquanto tal<sup>8</sup>. Isso é muito complicado porque nós não conseguimos nos desvencilhar a

---

<sup>7</sup> Terceiro Seminário do Curso Lições Sobre a Psicose da EBP-Rio, ministrado em 30 de agosto de 2007.

<sup>8</sup> “O próprio doente sublinha que a palavra tem peso em si mesma. Antes de ser redutível a uma outra significação, ela significa em si mesma alguma coisa de inefável, é uma significação que remete antes de mais nada à significação enquanto tal”(LACAN, 2002, pág. 43)

significação do objeto/coisa. A significação de um objeto qualquer, por exemplo. É difícil imaginar o que é invasão da própria ideia da significação sem tal objeto qualquer. Se nós quisermos ter um vislumbre do que seja isso no ponto de vista do Lacan, podemos recorrer à ideia do sentimento oceânico, como tentei descrever. É a sensação de um *over* que o mundo às vezes apresenta a nós. Esse é o ponto de base para o fenômeno da psicose segundo Lacan.

Eis que surge outra dificuldade, pois parece que o mar é de fora e a cidade está de outro lado, isso, entendendo que a cidade é feita de linguagem, saber, conhecimento, humanidade... E o mar é feito de um gozo animal... É preciso acrescentar imediatamente que essa invasão também é invasão textual. Esse mar é meio misturado. Ao mesmo tempo a invasão de um gozo - essa significação absoluta - é invasão, também, de algo que não é fora da linguagem porque justamente o que falta é um ponto que faça diferença entre o nome e gozo. É difícil para nós conseguirmos vislumbrar essa indiferença, mas se nós nos afastamos desse lugar onde estamos, lugar em que há essa diferença, não é tão diferente assim. Uma palavra é uma coisa real, um som que me invade, mas consideramos que as palavras sejam etéreas, enquanto que alguém me dando um soco é real. Para exemplificar com uma metáfora podemos pensar num castelo de areia. A experiência psicótica não é o castelo, pois ele está na areia, mas nele se joga um pouco de água, pois, como dissemos, ela [a experiência] não pode ser o mar – o total gozo -, mas é bem a mistura. Nosso ponto de base é o litoral onde as coisas se confundem se misturam e se distinguem. Vocês conseguem imaginar o que seria a água que é feita de areia e água e que dela não se pode distinguir. E avançando um pouco mais na imaginação lembre-se que a água arrebenta na praia e dela tira um pouco de areia.

Então a experiência psicótica se divide imediatamente em duas coisas e se apresenta como um sentimento de inundação que por sua vez se apresenta como inundação de palavras<sup>9</sup> sem significação. Se cada palavra tivesse sua significação como a gente vive não ocorreria inundação, seriam cartas que trazem uma mensagem - o que as palavras são para gente. Pode até ter uma mensagem enigmática, mas ela tem a dela, mas essa mensagem não pode ser de maneira nenhuma o segredo do universo. E se pudesse a situação seria angustiante. Então o segredo do universo é essa significação sem significado. Tentem imaginar as cartas de um lado e a significação do outro, que podem se misturar à vontade, mas é difícil estabilizar essa distinção. Isso vai culminar em frases interrompidas, textos entrecortados conhecidos como

---

<sup>9</sup> “O mérito de Clérambault é ter mostrado seu caráter [da estrutura da linguagem] ideicamente neutro, o quer que dizer em sua linguagem que está em plena discordância com as afeições do sujeito, que nenhum mecanismo afetivo basta para explicá-lo, e na nossa, que é estrutural. Pouco nos importa a fraqueza da dedução etiológica ou patogênica, perto do que ele valoriza, a saber, que é preciso ligar de novo o núcleo da psicose a uma relação do sujeito com o significante sob seu aspecto mais formal, sob o *seu aspecto de significante puro*, e que tudo o que se constrói ali em torno são apenas reações de afeto ao fenômeno primeiro, a relação com o significante” (LACAN, 2002, pag. 284, grifo nosso)

alucinação. Alucinação auditiva são textos no ar, com a impressão que aquilo diz muito sem haver um significado. Podemos dizer isso como o fenômeno de alucinação básico para Lacan e não como “Eu ouvi minha mão dizendo...”, “Eu ouvi o diabo dizendo...”, nisso já há um trabalho sobre a invasão de texto que já lhe deu com alguma precisão uma significação. Então o fenômeno bruto é lidar com o Outro tal como ele é nesse campo de indistinção. Não tem metáfora melhor que o *google*. Ele não é isso? Um monte de palavras, saberes que umas levam a um gozo outras menos<sup>10</sup>.

Lacan chega inclusive a chamar de pavor da linguagem “Vocês não percebem que a linguagem causa pavor”<sup>11</sup>. Achamos que não, pois cada um tem seus blocos de significações domesticados, mas de vez em quando tem-se a impressão que eles são Uma Coisa sem trazer a resposta do que se irá fazer com aquilo. Os poetas e escritores vivem com pavor da linguagem. Então, em relação a esse pavor de linguagem, essa invasão, tem esquematicamente um polo esquizofrênico onde há textos soltos e o outro polo paranoico<sup>12</sup>, isso se conseguir montar alguma coisa que faça distinção e organize o texto. E geralmente quando se monta essa distinção temos o delírio.

### **O Imaginário comum e o imaginário lacaniano**

Como valer-se desses ensinamentos na clínica? Oficina de vozes, por exemplo. É uma prática muito comum no campo da saúde mental. Lugares onde se escutam as vozes que os usuários relatam ouvir. Se isso que Lacan falou está certo, devemos pensar em como fazer que essas vozes, esses textos entrecortados, essa significação enquanto tal, transformem-se em falas. Que tipo de construção é capaz de fazer essa diferença? No texto que enviamos, trazemos a ideia de um sujeito que está num ônibus que tem essa sensação de invasão, alguém esbarrou

---

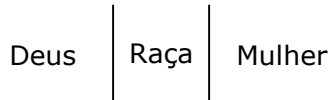
<sup>10</sup> Cf. Lacan, 2005, p. 358

<sup>11</sup> Lacan diz “A crítica contra a intelectualização é pavor de linguagem disfarçado” Porque vivem criticando ele por ser o intelectual da psicanálise. Dizer que a teoria dele não fala do afeto da pulsão. Fala, inundação de gozo que faz parte de linguagem que não pode ser imaginado fora dela.

<sup>12</sup> Lacan valorizou muito a paranoia e o lacanismo que nós fazemos valorizou menos. É preciso lembrar que estamos em tempo de pouca paranoia, não a paranoia do senso comum, mas como grandes edifícios delirantes. Há uns vinte anos que Jacques-Alain Miller e o Campo Freudiano saíram um pouco da grande paranoia e conseguiram montar a diferença. Tirando esse grande fascínio que se tem pela paranoia resta todo um resto que estamos chamando de psicose ordinária (talvez a melhor tradução fosse psicose corriqueira ou psicose comum) porque está muito difícil encontrar esse grande edifício delirante. Primeiro porque não se tem mais pacientes internados longas datas em algum lugar construindo seu delírio e também por haver uma torrente chuva de Haldol sobre tais pacientes. Dessa forma fica difícil construir um delírio. Poderíamos delinear outra explicação: Não há grandes fundações paternas, grandes autoridades de conhecimento atualmente como já teve. Diante dessa construção fazia muito sentido propor um delírio e ficar acima dessa grande construção consensual. Num mundo mais em rede, horizontal essa possibilidade fica dificultada.

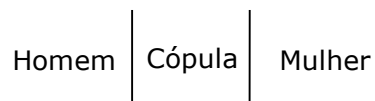
nele. Ele atribui esbarrão ao Bin Laden. É uma saída, pois essa invasão já tem um nome. Isso é também a escrita de uma metáfora delirante.

Para não perdemos a ligação. Como ficaria a metáfora delirante em Schreber no esquema que havíamos?



Nesse meio entre Deus e Mulher há o furo. E o furo não é exatamente algo garantido por algo divino, mas o que faz efeito de furo é a produção de uma nova raça. Não é só a ideia da cópula, pois isso talvez não estabilizasse, mas sim o fato de que essa cópula tem o motivo da criação de uma nova raça que povoará o mundo. Lacan insiste muito nessa questão no texto *Questões preliminares a todo tratamento possível da psicose*<sup>13</sup>, ao falar sobre o delírio assintótico de Freud, ou seja, alguma coisa que vai acontecer no futuro. O furo é uma maneira de recapitular esse tema. Então “Como deve ser bom ser uma mulher a cópula com Deus, para dar a luz a uma nova raça, mas no futuro”. E onde fica a metáfora? Ela está no fato de que todo esse delírio vem se sobrepor a alguma coisa.

De onde Schreber retirou material para tal delírio que poderíamos estruturar dessa forma:



Poderíamos concordar que esse seria um o bloco de significação básica exposta na cultura. E há várias formas de se fazer isso: Manuais, Kama Sutra... Coloquem essas coisas no plano do imaginário e pensem que essas coisas são blocos de significação da cultura e que fazem parte do Outro. Imaginem a experiência de pegar isso e sobrepô-la à experiência caótica. Resultaria, como de fato resultou, no fato de que, aquela vivência psicótica do caos que no Schreber tem nome de Deus virou outra coisa. Deus agora é um super-homem, não é qualquer homem, mas não é um Deus totalmente onisciente e onipotente<sup>14</sup>. Então ele agora ocupa o lugar da Mulher. E, por último, a cópula que se não produzisse uma nova raça não funcionaria, pois não haveria furo. Havendo o furo pode-se jogar/barrar um pouco do gozo para o futuro. Porém, o que nós temos que pensar hoje não é furo e sim o papel desse imaginário, esse bloco da cultura

---

13 In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 537-590

14 Schreber diz “Deus não sabe nada sobre os homens” (SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Trad. Marilene Carone. RJ: Paz e Terra, 1995, p. 211)

pronto, disponível assim como, por exemplo, a missão. A proposição de que alguém virá para nos salvar, o Messias.

Para completar esse sobrevoo rápido. Lacan traz uma chave de leitura fundamental que está em pegar o termo homossexualidade e fazer dele o transbordo, se a gente não fizer isso o texto de Freud não vai ser entendido. O que Freud vai dizer é que Deus está no lugar do Pai, da figura paterna e que Schreber tem uma tendência homossexual e que por isso ele se defende e cria o delírio. Se nós afirmamos que esse Deus do Schreber é o Pai do Mito do Édipo, se nós não falarmos que esse Deus é o Deus da inundação, da significação enquanto tal, se não entendermos dessa forma o texto de Freud não merece continuar existindo porque ele está dizendo que a causa do delírio é a homossexualidade. Imaginem que alguém deve ter lido assim, mas outras pessoas leram de outra forma, como Lacan o fez. No lugar de Deus como pai leia-se invasão, inundação que Freud chamava de Pai porque na época funcionava. Dessa forma ele confinava na palavra pai tanto o pai todo-amor e o pai todo-gozo. Deve-se acrescentar também que, talvez, da homossexualidade podia-se falar como uma coisa louca, pois não era algo que se falava a não ser como coisa louca.

Se nós lermos dessa forma lacaniana dá alguma coisa certa. É possível retomar e ver que ali há toda uma maquinaria que Freud está tentando ver como se faz uma metáfora delirante e que tipo de jogos se faz com os pacotes que a cultura oferece do tipo: “Eu amo, eu odeio”; “Eu tenho ciúme eu não tenho ciúme”; “Estou apaixonado não estou apaixonado”.

### **Considerações sobre o Furo**

Aqueles que estão acostumados com o Seminário 3: As Psicoses vão dizer que há um problema no que digo e esse problema se refere ao furo. Na neurose esse furo é como um ponto no infinito que regula as relações: homem/mulher, por exemplo. Então o que quer que a gente faça nesse meio (furo) nos remeterá a uma medida comum: “Deus sabe com alguma precisão o que vai acontecer com a gente”. Na psicose o furo se constrói na hora em que isso é feito. Porém, Lacan diz que na hora do desencadeamento o psicótico se encontra com o furo no simbólico. Há um paradoxo aqui entre o furo que vai desencadear o surto e o furo que salva. Teremos que corrigir Lacan desde que se corrija Lacan com o próprio Lacan. Primeiro não é tão impossível dizer isso. Então podemos dizer que onde tiver escrito que o psicótico desaba quando encontra o furo no simbólico, o que vai dar em leituras segregadoras do tipo ele tem simbólico furado e nós teríamos o simbólico cheio ou ele tem um defeito no simbólico, em vez disso, leiamos que se ele não encontra esse furo ele vai cair no mar. Mas a metáfora que Lacan tinha na hora era falar do furo assim, com Freud tinha de homossexualidade.

Não estamos forçando muito, pois há muitas bases para dizer isso como, por exemplo, num texto do Jacques Alain Miller: A Falta e o Furo. É uma passagem num livro que é o Último Ensino de Lacan. Ele, Miller, faz justamente uma diferenciação entre falta e furo na topologia do Seminário 23: o Sinthoma e que orienta tudo que estamos dizendo, mas não apenas isso. Porque o Lacan no próprio seminário fala do Pai Simbólico<sup>15</sup>, é como ele chama nessa época. Na topologia o pai simbólico é definido como um furo. Então já teria o paradoxo do próprio seminário. Ele é um furo então quando o psicótico se encontra com o pai simbólico que é um furo ele desencadeia, mas o pai simbólico é o mediador do neurótico. Lacan Fala as duas coisas.

A definição do furo ocupa uma grande parte do Seminário 3 e não é apenas uma ocupação do Seminário 23. Por um lado ele fala que o desencadeamento se dá pelo encontro com o furo, no sentido de que ele encontrou aquilo que não está funcionando, mas ao mesmo tempo o furo é bom por ser aquilo que produz um texto. Ele encontrou uma coisa que não está funcionando e que é justamente aquilo que produz o furo. Ou seja, o não funcionamento justamente daquilo que deveria situar uma espécie de verdade que nós mesmos não sabemos onde está e que está ausente. Porém no seminário 10: A Angústia Lacan diz: “Angústia é a falta da falta” e define claramente essa falta como a falta do furo. Então o caos é nesse momento em que o furo falta. Então com o Seminário 10 podemos ler essas passagens com mais segurança. E também a gente pode diferenciar a falta do furo. Então, extrair o pedaço do Outro não é furo, chamemos de falta, perda. Perda de alguém não é a questão e sim perder alguém que deixe um furo. Isso é o infinito e assim voltamos para a definição inicial. Dessa forma, onde estiver escrito furo no simbólico no seminário 3 leiam falta do furo.

### **Do falo à bengala**

Vale a pena ler. Por exemplo, quando ele fala da grande estrada que seria a crença no Papai Noel. Não quer dizer que o Papai Noel é ruim, mas pensemos que essa grande via é uma crença desse tipo: acreditar no Papai Noel. Por isso é difícil fazer com que as crianças deixem de acreditar no Papai Noel.

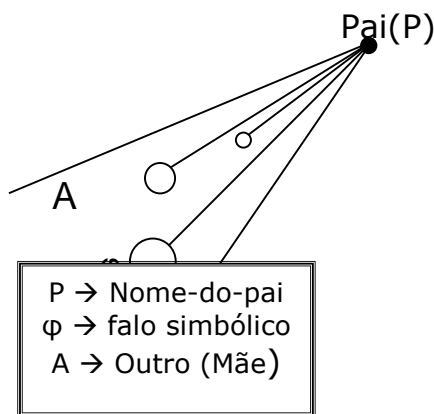
O Zizek dá um exemplo de um antropólogo que vai a uma tribo indígena e pergunta para alguém depois de todo um trabalho de aproximação: “Você acredita nesse totem?” Não, mas isso pode desagradar os mais velhos. É difícil saber até que ponto essa crença é real, o importante é que existe a crença e que ao acreditar se valida a crença. Isso é Papai Noel para Lacan. A concepção do Pai como um ponto no infinito não está dada no seminário, mas no

---

15 Não entendam como se o pai do psicótico fosse um pai real e imaginário e o pai do neurótico um pai simbólico. Não.

Regnault há um artigo que se chama Ex-nihilo<sup>16</sup> que está publicado no livro Para ler o Seminário 11 que ele marca muito bem que a ideia do nome-do-pai para Lacan é isso: Um ponto no infinito. Ponto de crença. Ou seja, de que alguma coisa no infinito vela e localiza nossas relações. Tem que ser no infinito por que aí pode-se fazer alguma coisa no nosso plano mais livremente. Se esse ponto falar “Não matarás” já não se poderia inventar tanto. Então, o forte da crença na religião não são os dez mandamentos, mas sim que eles dizem a palavra divina, ou seja, é a crença na palavra divina que é a força. A gente pode mudar os mandamentos, a Igreja vive mudando e nada acontece.

Nesse caminho do Lacan clássico que é uma leitura que não é totalmente lacaniana, diz-se: Pai simbólico quem tem é o neurótico (esse furo que funciona) e o psicótico não tem, nesse lugar ele tem um furo aí ele desencadeia. Ele não tem como percorrer a grande estrada, essa ideia do ponto no infinito então ele fica com as bengalas imaginárias<sup>17</sup>.



Mas poderiam opor-se dizendo que o psicótico precisa de apoio enquanto que nós neuróticos não precisaríamos. Não. Nós também precisamos de apoio, o falo. No final da perspectiva fica o Pai (Nome-do-Pai P) logo abaixo o  $\phi$ .

O que é esse  $\phi$ ? Primeira ideia se não tiver uma figura que sustente o poder desse pai esse ponto  $\phi$  não funciona. Deve haver certa figuração dele. Segunda questão, essa figuração que a gente vai chamar de falo não é essencial para que a neurose funcione (ou não funcione). O que é essencial é, uma vez essa figuração apresentada, o furo se apresenta. Isso também está no seminário. Se abrir todos os manuais da psicose sobre Lacan veremos que o primeiro

<sup>16</sup> REGNAULT, f. “o Nome-do-Pai”, *Para ler o seminário 11 de Lacan*, Rio de Janeiro, JZE, 1997, p. 80-92

<sup>17</sup> A própria palavra bengala que não é bengala é muleta na edição brasileira carrega ambivalência. Em Francês é béquille que traduzindo-se temos a muleta, ainda que sentido figurado seja apoio enquanto que bengala é canne e o sentido figurado é vara. Então ao se traduzir por muleta, traduz-se corretamente, mas se perde o sentido figurado. Lacan não está falando muleta e sim bengala ainda que a tradução chame muleta. Entenderam, mas olhem como isso é importante. Se ficarmos com muleta associaremos com aleijo, mas se ficarmos com o termo bengala não, pois tem um a ideia de uma força, idade, vara que chegará onde queremos chegar que consiste na ideia do falo. E muleta não é uma boa palavra.

momento é: o filho é o falo imaginário da mãe os dois se completam. Acontece que Lacan diz com todas as letras no seminário 3: “Não existe essa ideia de que o filho é o falo da mãe”. A questão não é que o pai tenha o falo e tire o filho da mãe que era o falo dela.

Não é essa a questão. Se o pai tem o falo, então, no meio dos dois tem um furo já que o pai tem falo ele não está no meio da relação entre mãe e filho. O que se tem entre esses dois? Entre esses dois agora tem um furo e agora eles são dois distintos. Então é esse vazio criado entre a mãe e o filho que Lacan vai chamar de falo simbólico. E essa figura de poder fora da relação necessariamente (não é intervindo diretamente, por exemplo, “Seu pai está no trabalho, mas quando ele chegar”). Então teremos o esquema representado acima.

Em nossos termos se divide em falo imaginário, bengala e furo. Não há furo sem bengala, mas nem toda bengala vai fazer furo. É possível ver que nem sempre toda e qualquer bengala vai funcionar. Quando o pai no infinito está muito bem seguro, quase qualquer coisa que se cole em cima desse poder aqui (membro ereto) vai ter esse efeito de separar. Mas é claro que quando eu chegar nele, quando eu adquirir esse símbolo fálico, essa insígnia fálica como se diz, o Outro maior vai se dirigir em algum outro lugar. E sempre, sempre se fica desesperado por que tem alguém em algum outro lugar que tem mais poder que ele. Não é esse o caminho? A falta é criada como qualquer sucedâneo do falo que seja apresentado. Isso que o Lacan diz que no terceiro tempo do Édipo o pai tem que apresentar o falo. Se ele não apresentar alguma coisa não haverá a garantia da falta. Sabemos que a mãe tem que fazer a falta no próprio discurso, mas o pai tem que apresentar alguma coisa para que essa falta funcione. Isso pode ser encontrado esquematizado no seminário 5, Os três tempos do Édipo I e II.

### **Bengala e textos**

A nossa questão de hoje é o que é isso que se apresenta. E nós decoramos que é imaginário. Esquecemos que isso não é uma espécie de coisa malfeita pra psicótico fazer no lugar do pai simbólico. Mas ainda não sabemos bem o que é. Mas o início, que estamos aqui tentado construir, é dado pelo Outro. Não é nada do real. Ele vem fazer essa função, nesse sentido que é imaginário, está pronto é uma forma dado mais ou menos fixa. Como é que uma forma vai vir para significar essa significação enquanto tal. Costuma ser o pênis na neurose, mas pode ser outra coisa. Se a gente não achar que pode ser outra coisa, vamos achar que o psicótico não pode fazer nada parecido. Pois o psicótico é aquele que diferente de nós não acredita no Papai Noel então ele vai ter que fazer algo com as figuras imaginárias para que esse furo seja criado. Não é obrigatório que seja a potência.

Eu queria mostrar que mesmo na neurose isso aqui está funcionando, mas que está funcionando mal, por exemplo, a neurose obsessiva. Esse ponto ele muito carregado de gozo, é

um pai gozador que humilha. Aliás, é o próprio exemplo de Lacan que quando vai falar das bengalas imaginárias introduz a ideia de alguém que tem um pai violento, fica difícil acreditar que esse pai violento está assim sendo em nome de alguma coisa, e que tem uma coisa maior dele. Então o sujeito é obrigado a se segurar em umas figuras quaisquer e ficar com elas, em vez de usar a bengala que é o amor do pai.

Agora tenhamos uma aproximação mais intuitiva do que sejam essas figuras imaginárias que fariam função de bengala para que se possa articular o furo. Relembraremos as três formas de estabilização de um texto.

O nome-do-Pai é um ponto de basta como uma verdade em algum lugar do texto, ele engendra certo tipo de concepção da escrita e produção de verdade que coloca em jogo a produção de sentido. Ou seja, quando as coisas funcionam dessa maneira há a produção de sentido o que é diferente da ideia das marcas que produzem entre si certa concatenação fazendo brotar sentidos, mas o sentido não está nas marcas. Esse é o bloco mágico freudiano retomado por Lacan e Derrida. No livro *A Escrita e A Diferença*, mais precisamente no texto *Freud e a Cena da escrita*, Derrida retoma as metáforas de Freud a respeito da escrita principalmente a do bloco mágico com o propósito de dizer isso. O Freud está propondo um funcionamento seguindo o esquema do bloco mágico no sentido de que há traços e que eles entre si são marcas desprovidas de sentido, mas em sua montagem<sup>18</sup> constituem uma grade que lê o mundo. Em outras palavras, estamos na contramão da suposição de que o mundo tem sentido pelo fato de que alguém em algum lugar vai explicar o sentido dele. Nessa concepção do bloco mágico tem-se uma espécie de desrealização dos sentidos das coisas e chega numa espécie de marcas básicas que vão fazer com que as coisas tenham sentido. Podemos até imaginar que o caminho de análise é chegar nessas marcas. Isso alcança uma desrealização dos sentidos que é um dos efeitos de análise, pois podemos concordar ao dizer que a análise que anda traz, de certa forma, uma descrença no que antes se acreditava. O que está em jogo não são as marcas como portadoras de sentido e sim as marcas esvaziadas de sentido, mas articulando-se entre si. Se quiserem outra nomeação para essas marcas, *significante*. Lacan quer dizer isso, *traços diferenciais*. Por uma razão que será exposta posteriormente esses traços ao deixar o gozo passar produzem uma possibilidade de leitura as coisas.

E a última que não é metafórica, o nó. O nó, que é montar alguma coisa sem fazer metáfora e sem apagar as marcas. Essa tal escrita do nó, que seria aquela que o psicótico nos

---

<sup>18</sup> Porém há qualquer coisa nesse processo de chegar as marcas fundamentais que não vai chegar nunca. Pode-se chegar a construção de algum tipo de grade que seria uma saída que chamamos de fantasia.

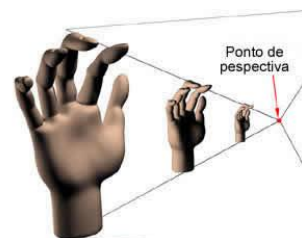
ensina, por exemplo, a do Joyce, constituiria em um outro tipo de concepção de final de análise menos *infinitezada*<sup>19</sup>.

Observem as imagens, mas considerem que as imagens também são textos. Ou seja, nós estamos usando até agora analogia de um texto a ser produzido, mas podemos usar também a analogia dos quadros/telas, mas também poderia ser um sonho. Vejamos.

### Ponto de perspectiva

A escultura de Camille Claudel já abordada traz bem a imagem do que aqui estamos chamando de transbordo, assim como a ideia do que está em baixo também está em cima e também aquela metáfora que estávamos usando (areia e água). Não é tão fácil assim fazer alguma oposição entre o mundo da brincadeira e o mundo do transbordo.

Na estabilização pelo Nome do pai (no plano do sentido), as coisas se apresentam com forma/significação própria graças ao ponto de perspectiva, furo no infinito. Observem o ponto de perspectiva no final para onde tudo converge. É a mesma coisa que segue no esquema que lhes mostrei anteriormente, mas aqui fica



mais claro que as mãos se distinguem e fazem sentido em relação ao ponto final que no outro esquema chamamos de nome-do-pai.

Agora vejamos este quadro. Ele se chama *Madonna del cancelliere Rolin*, de Jan Van Eyck. O fundo (segundo plano) está seguindo a perspectiva, mas parece que ela está fora da parte da frente, não encaixando muito bem. O interessante é que com ele não dá para dizer que perspectiva foi uma descoberta, uma evolução da técnica. Ele domina a técnica da perspectiva. Vejam o fundo, tudo o que está depois da janela. Não temos nada a criticar em termos de perspectiva, proporção está tudo certo.

Quando passamos para o interior da sala, as duas personagens representadas são muito densas, o anjo vindo de algum lugar que não se sabe colocando a coroa. Há qualquer coisa nesse jogo de perspectiva que marca uma diferença entre o primeiro e o segundo plano.

Isso porque no primeiro plano há a figura do bebê que é Jesus Cristo. E se vocês perceberem bem podemos dizer que é ele que perturba a imagem, uma vez que não se pode fazer uma perspectiva se há Jesus, que é Deus, no meio. Não se pode tornar ele um ser menor,

---

<sup>19</sup> O bloco mágico seria uma espécie de escritas, reescritas incessantes: “Eu Sou alguém que não consegue achar que uma figura de poder é do mal, está na minha grade” Então eu vou para análise e isso dá uma esvaziada só que eu vou continuar com essa sensação sempre. Essa outra escrita do nó talvez ofereça outra possibilidade.

ou seja, de alguma forma ele toma o centro do quadro e isso perturba e deforma a perspectiva (em termos de precisão objetiva).

É bom lembrar que nessa época (século XV) não era permitida a representação de um Jesus menino. Ele tinha que ser representado já em outra idade. É importante dizer que no quadro Jesus segura objetos que não só objetos infantis com alguma simbologia. Há blocos de imaginário, por exemplo, Deus é todo poderoso sendo ele velho e novo ao mesmo tempo, isso perturba a montagem de cena, pois já não posso referenciar tudo ao ponto no infinito. Isso exemplifica um pouco o que é esse imaginário que aqui tentamos trazer em relação ao ponto no infinito. Se o imaginário cresce o ponto no infinito perde seu poder.



Aqui as imagens de Platão e Aristóteles não perturbam mais a perspectiva. Elas, ao contrário, encarnam o próprio olhar de Deus, que como vemos, pode até mesmo estar dentro do quadro, nos olhando, mas sempre como ponto no infinito. Os filósofos nesta cena demonstram como funciona o falo para Lacan. Ele é aquilo que, dentro do quadro, a partir de uma

imagem fixa (que às vezes chama falo imaginário) de poder, sustenta o lugar no infinito de uma mediação vazia entre todos os elementos do quadro (o Nome do Pai).

A grande estrada é onde viveremos caso isso tudo funcione. No litoral à direita temos o mar e a esquerda a areia. É esse lugar de proximidade entre eles que nos interessa, e aqui que fazemos nossas esculturas e onde as crianças querem brincar.



## **Bengalas**

Falamos anteriormente de certo uso do imaginário, de imagens que podem assumir funções. Algumas imagens ganham funções específicas. Algumas passam a valer mais que outras. Uma destas imagens, ou um certo uso de uma delas é a da bengala, que é só uma metáfora para abordarmos o conceito de falo. A ideia não é apropriar-se do conceito, mas nos aproximarmos dele. É só imaginar um senhor andando na rua de bengala. O que é essa bengala? Ela é um coisa do mundo, mas igualmente uma imagem. Essa imagem apresenta-se para nós com um aspecto paradoxal. Ela tanto encarna uma fraqueza quanto um grande poder. É só evocar o primo rico da bengala, o cetro. Mesmo se ficarmos com a bengala simples, mesmo se ela vem apoiar um senhor que claudica, ela não lhe confere um toque de austeridade, seriedade e importância?

Fiquemos com essa ambiguidade. O poder da bengala está exatamente na falta que ela marca. Isso vale, segundo Lacan, para todos os ditos símbolos fálicos. Tudo o que se sustenta ereto, em direção ao céu, todos os totens e membros viris, tem seu poder por escorar a falta. Isso porque uma imagem de poder sempre evoca um poder maior. O falo não é o poder em si, o falo é uma imagem de poder que tem poder por justamente evocar o poder maior. Então esse senhor, ele pode estar curvado pelo tempo dos anos, mas ele tem o poder maior porque ele está em contato com a tradição, está em contato com o legado de todo conhecimento de todos os séculos. Então, ele sabe muito mais do que algum outro. E o que marca isso é a bengala.

Esse é falo no sentido lacaniano. Uma imagem que tem função significativa. Uma imagem que sustenta a falta. Aquele poder sempre além, puro ponto no infinito que Lacan chama de Nome do Pai. Se Moises se apoia num cajado, esse cajado representa Deus que é Todo poderoso, mas quem sustenta seu poder? O símbolo de seu poder, que é o símbolo de uma falta (outra definição lacaniana de falo). O cajado encarna um cheio que, estando além, instaura aqui na Terra uma falta. Essa é a ambiguidade do falo que faz com que às vezes Lacan reserve para a imagem de poder o termo falo imaginário e para sua função de falta, o termo falo simbólico (ou muitas vezes apenas falo). Esse falo simbólico é que vai funcionar na neurose, como esteio imaginário da Lei do Pai.

O cassetete de um policial, sem a função fálica, é só um cassetete de um policial. É a situação de hoje em que esse poder, da lei e da tradição, está em baixa. Mas o cassetete de um policial que tem um juiz por trás é um outro cassetete. Ele é uma possível cadeia que mete medo, não é preciso usá-lo.

Esse esquema do falo está todo no Seminário 3: As psicoses. Mas cuidado. Nesta época Lacan faz do simbólico sinônimo de Pai, mas isso vai mudar ao longo de seu ensino. Melhor dizer que, mesmo ali, o falo não é o casamento entre o imaginário e o simbólico, mas entre uma imagem e esse poder maior que a gente chama Nome do Pai, da crença no além. A articulação entre a imagem que está no mundo, uma bengala, por exemplo, e essa coisa além, é que dá o poder que chamamos de autoridade simbólica. Talvez não seja também o melhor termo porque confunde. Esse poder é feito de imagem mais a certeza de que essa imagem indica algo além. Se a gente tirar esse algo além, essa imagem é só uma imagem. É o que vai fazer o bispo da Igreja Universal que sempre sustentou os iconoclastas.

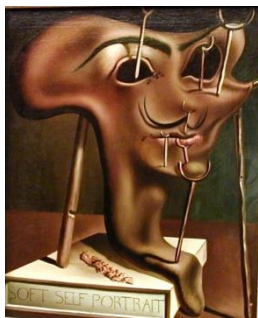
Se esta crença não está haverá outro modo de instituir o furo dando respiração ao mundo sem recurso ao Pai? Aqui reside a novidade do último ensino destacada por J. A. Miller. Não é preciso do Nome-do-pai para fazer a vida funcionar direitinho, sem doença. A metáfora delirante já é uma forma de fazer o furo sem precisar de nada além.

E funciona? Trata-se de um casamento entre imaginário e simbólico, tal como na metáfora paterna, entre imagem e furo na imagem. No caso da metáfora paterna será a imagem e o furo, no delírio, a imagem e um postulado, a ideia de que haverá uma nova raça se houver cópula com Deus, funciona como furo na imagem. Haveria outras maneiras de montar o furo e a imagem sem esse postulado e sem o nome-do-pai? É todo o exercício de Lacan no Seminário 23.

### **O falo e o imaginário**

Quando falta o Papai Noel, como encontrar os limites das coisas, como estabilizar as significações do mundo? O falo agora é apenas imaginário, apenas bengala e não mais índice, em sua potência, de uma falta fundamental.

Já no plano do Seminário 3 Lacan examina outra forma de montar a cena do mundo e que chama o apoio em bengalas imaginárias. Utilizamos as bengalas de Dali para dar uma imagem do que seria um jogo entre bengalas sem o furo que é a função paterna. Desenhamos o que seria tentar criar, apenas através do imaginário, uma estabilidade da imagem. Imaginem que não se tem essa ideia de que há um além em algum lugar. Fica tudo escorregando se você não conseguir estabelecer alguma coisa nesse mar que seja um furo. Então aquelas bengalas que seguram um mundo que derrete mostram nossa premissa: sem furo não dá para respirar, ou dito com Marx: “Tudo que é sólido desmancha no ar”.

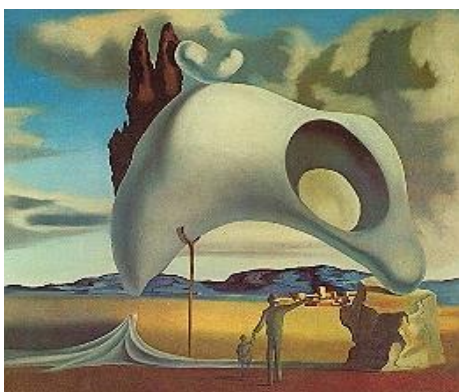


Se há uma coisa com que Salvador Dalí trabalha muito são as bengalas. Não é possível comentar muito, mas reparem como as bengalas sustentam algo. Ele tenta trazer a imagem de como seria o pintor louco sem a “grande avenida” para isso é preciso que as coisas se sustentem ou sejam sustentadas. Mas talvez possamos contrapor essas duas imagens que se seguem.

Não é para dizer que um tem furo enquanto a outra não tem furo, mas sim para dizer que nesse primeiro há alguma coisa no ar, mas mesmo assim há alguma

estabilidade. Já na segunda imagem há uma bengala, mas o sujeito em chamas.

A estabilização pelo imaginário do falo, sem recorrer à crença no



Pai, será mais ou menos capaz de estabilizar um furo.

O próximo serve-nos para dizer que não é preciso haver um furo nem uma bengala desenhados. Supondo que neste quadro há uma estabilidade e que o ponto de basta existe. O que faz o efeito maior de furo? Para mim é o resto verde do músico. Pode-se forçar um pouco e reconhecer ali a música como o elo divino e o violino como bengala. Que seja, mas neste caso estamos muito longe de Platão e Aristóteles. Não poderíamos pensar em outro modo de estabilização? Seria o quadro de Chagall a analogia pictórica de um delírio estabilizado? Por que não? Mas prefiro pensar que neste quadro há algo parecido com o delírio e que o delirante ensina: que o ponto de basta não precisa remeter ao infinito. A moça flanando, é ela o ponto de referência. Como o Jesus de van Eyck, ela é um furo presente e concreto sem ser delírio. É possível então haver no próprio quadro a bengala e o ponto de basta sem pai no infinito. Eu aproximaria isso do que Barthes teorizou como *studium* e *punctum*.



### A Câmara Clara (Bloco Mágico)

Roland Barthes descreve e demonstra a ideia de que o falo ganha sentido dentro de todo um conjunto de imagens articuladas que chama de *studium* (um outro nome para texto, ou estrutura).

Ele analisa fotos. Em uma delas está a Rainha Vitória em um cavalo imponente segurado por um cavaleiro. Há todo um contexto que faz com que o cavalo simbolize o poder. Há inclusive todo um contexto histórico que faz com que este cavalo metaforize todo o Império britânico,



em seu apogeu, com colônias em todo mundo, o Império onde o sol nunca se põe. Isso tudo é o *studium*, dentro do qual o cavalo é o falo em seu aspecto imaginário.

O furo, porém, segundo Barthes não é o infinito além. Ele sai do infinito e habita um impreciso lugar da estrutura. Há sempre, segundo ele, alguma coisa na foto que toca a mim (um ponto qualquer na foto) e é esse ponto que faz o furo, ou seja, que possuiu uma significação que não se sabe dizer o que é. Lacan chama isso de objeto *a*, Barthes de *punctum*.

O furo se estabelece entre aquele que observa e a tela e não do mesmo modo que estávamos falando antes com o ponto de perspectiva por supor um além tela, um poder e aquilo que responde a esse poder.

O texto respira, no caso do NDP por ter nele o representante de um além. No caso da metáfora delirante uma presença que centraliza tudo o que ocorre no quadro, que é meio furo, mas às vezes compacto demais e perturba a perspectiva. Nessa foto o esquema é outro. Há um ponto que toca porque aciona algo na grade de cada um que não se sabe dizer bem o que é. O ponto de furo da imagem, para Barthes, está no serviçal que, ao segurar as rédeas, institui o movimento possível do cavalo. Se ele está segurando é por que o cavalo podia correr e nisso derrubar a Rainha Vitória. O furo só se delimita para cada um, se a imagem o toca.

Na ideia de Barthes, as marcas contingentes e invisíveis deixadas pelo Outro em nós, definem uma grade de leitura. Ela é visível, mas também invisível. Tal como o bloco mágico de Freud. O furo sai do infinito e habita um impreciso lugar da estrutura. Mas a estrutura não se vê.

### A estrutura, o significante e a letra

Esse é o momento em que Lacan valoriza a estrutura em sua definição por Saussure como um jogo de oposições. Retomando a ligação que pretendemos fazer do Seminário 23, O Sinthoma, com o Seminário 5,<sup>20</sup> digamos o seguinte:

Podemos supor a realidade como uma rede de nomeações sobre o real.

O que pode ser sintetizado assim:  $r/R$

$$\frac{r, r', r''}{R}$$

Para explicar essa articulação entre nome e real, Lacan, nesta abertura do seminário usa dois acessos: a Bíblia e a Grécia antiga (principalmente Aristóteles), uma pequena revisão da linguística lacaniana.

A questão que lhes é colocada é a seguinte: como o particular de um nome vai situar o real? Ou inversamente: como o particular real vai ser situado pelo universal de um nome? Porque nada nos nomes tem uma relação orgânica, natural, com o real. Isso, aliás, é o que costumamos chamar, desde Saussure, de arbitrário do signo linguístico.

Para Saussure a coisa se escreve assim:

$$\frac{S}{s}$$

Ou:  $S/s$ . “s” é o significado e “S” o significante. O primeiro é imagem acústica da coisa e o segundo o nome dela em uma dada língua. Como se vê, Saussure deixa de lado o referente. Marca o arbitrário entre o signo como um todo com a coisa e vai se interessar pelas relações entre significante e significado.

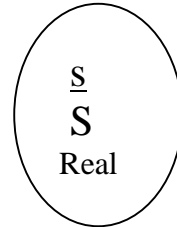
Aliás isso define o estruturalismo. Não é deixar de lado o real, mas de só acessá-lo a partir da estrutura. Só a partir da linguagem, do modo como ela vai tecer uma rede sobre o real ao

<sup>20</sup> Lacan, J. “Da psicanálise em suas relações com a realidade” In: *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, pp. 350-358.

articular s e S é que o real comparece. Só a partir do signo é que Saussure se interessará pela coisa.

Por isso mesmo Benveniste dirá: o signo é arbitrário com relação ao real, mas as relações entre significante e significado são necessárias. Quando ouço boi, tendo irresistivelmente pensar em boi, mesmo se há nisso grande margem de manobra, claro.

Poderíamos dizer que, no signo, é o significado que responde pelo real da coisa. No entanto, haverá mais uma manobra decisiva de Saussure. O “valor do signo” (como ele define o sentido), e por conseguinte do significado, será dado em contraposição com os outros signos. Um boi é algo que eu consigo entender porque ele não é “vaca” cavalo”, “carnívoro”, “ódio” etc.



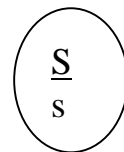
O “deixa para lá” de Saussure, então é bem radical. O real só aparece como significado em suas relações com o significante. Arbitrário vem marcar aqui uma ruptura: o real não causa o significado. Em outros termos, não há significado no real. O significado depende do real, mas se explica, se compreende muito mais nas relações dentro da estrutura da linguagem, que surge claramente como rede.

Entende-se porque Lacan afirma que Freud é saussureano. É que ele também recusa ao real a explicação, o sentido dos acontecimentos. Não é porque lhe ocorreu isso ou aquilo que você ficou assim. É pela inserção do acontecimento em uma rede de causalidade psíquica, subjetiva, pessoal, que algo tornou-se traumático e o sentido desse trauma só poderá ser esvaziado ao se retomar toda a rede.

Por isso Lacan inventa o significante;

Ao chegar, neste ponto na linguística Lacan, para dar mais relevo a esta radicalidade do Freud saussureano faz inicialmente uma inversão:

Isso diz que, se é no jogo dos “elementos discretos” da estrutura que se constitui o sentido, a estrutura é mais importante que o sentido produzido.



Isso supõe que se pense “S” como toda uma rede e não apenas uma palavrinha só. Por isso ele rompe a clausura do signo que daria lhe unidade. Ou: S/s

Deve-se supor então que para o significado se dê haverá deslizamento de S sobre a barra. E mais, quando o significado se der, ele virá como outro significante, tal e qual quando buscamos o significado de uma palavra no dicionário.

Ou: S/S'

Mas e o real? Ficou de fora da estrutura? Como ele ali aparece? Como deslizamento, fuga do sentido. Haverá deslizamento e fixação em um segundo significante que vem em posição de significado para um primeiro.

$\underline{S}(+)$

$S'$

O “+” assinala que mesmo nesta operação de produção de significado guarda-se um ponto de real.

O real está então na produção de significado e ao mesmo tempo no a mais de significação que foge. É o que Lacan montou com metáfora, para o primeiro caso e metonímia, para o segundo.

Após essa pequena revisão, é preciso atentar para a função da barra.

Algo vai estabelecer a cola entre o referente e a referência, entre a palavra e a coisa, evitando o deslizamento entre eles.

Essa coisa é um mediador qualquer. No caso bíblico é Deus. Adão nomeia as coisas, mas quem garante essa representação é Deus. Enquanto nos mitos gregos há a pureza das ideias abstratas. Ou seja, se eu definir alguma coisa, já existe essa coisa no céu abstrato das ideias que garante e cola a existência nesse mundo. A esse elemento mediador chamamos de Nome-do-Pai. Essa ideia é fundamental principalmente no último ensino que, como convencionamos dizer, tem mais relações com os nossos tempos.

### **O real de ontem e o de hoje**

Atualmente podemos dizer que a situação é um pouco diferente do que acabamos de desenhar. A foco não é – ou pelos menos não deveria estar – em saber como a realidade se articula com o real, uma vez que temos várias realidades. Deveríamos agora nos ocupar sobre a realidade que está mais próxima do real ou pelo menos, qual vai vencer. Lacan nos fala que não existe uma outra realidade. Entretanto sabemos que cada comunidade possui sua realidade, seus costumes e que esse aparato não tem nenhuma relação com a realidade de um outro grupo. A questão seria: como estabelecer um aparato comum?

Tudo isso é uma forma diferente de falar sobre a pluralização do Nome-do-Pai. Quando não se tem mais esse aparato comum pode acontecer uma explosão de pequenas realidades. Restando dessa forma a pergunta: quem teria mais realidade?

Nesse ponto é necessária uma mudança de perspectiva. Enquanto na primeira a problemática estava encerrada na questão: O que estabiliza a realidade. Do outro lado teremos: o que é aquilo que faz com que a realidade esteja mais conecta ao real? Pois sabemos que todas as realidades estão conectadas ou sobre o real. Então, como se colocam as realidades sobre o real?

Na primeira perspectiva, o real é aquilo que rompe a conexão. Ou seja, se há uma realidade que nomeia o real, mas que não o esgota e sim propicia uma espécie de contenção. O

real, vez ou outra, volta rompendo com a realidade. Nesse sentido o real tende a se opor ao Nome-do-Pai, por aparecer como ruptura. O singular, dessa forma, não é o singular da realidade e sua presença debilita a realidade.

Na segunda perspectiva – onde se encontram várias realidades – o real deve ser aquilo que faz conexão. Em outras palavras, o real na psicanálise não é só ruptura, mas também conexão. Acreditamos muitas vezes que a conexão é propiciada pela barra. Engano. Ela está na barra (/), no Nome-do-Pai. Lembrem-se que o Nome-do-Pai não é nada além da crença compartilhada que existe uma ordem. Contudo, nessa dita pós-modernidade, quando cada um tem uma realidade, a ideia de UM Nome-do-Pai perde mais e mais força. Por isso a questão é saber como se construir conectores e conceber o real como algo que propicia conexões. Enquanto na perspectiva anterior os elementos que nos falavam sobre o real eram os elementos de corte, agora são os elementos de costura. Trocando em miúdos, o sintoma não mais será aquilo que objeta o elemento mediador da realidade consensual, mas sim o singular que abre espaço para o sujeito na realidade. Para isso, não podemos perder de vista que deveremos nos valer do que no singular tem de possível conexão e não o contrário. Então o real é aquilo que não cessa de se inscrever, porém o singular não é aquilo que não cessa de se escrever.

Não pensem que com isso queremos dizer que esse singular pode ser dito, nesse sentido ele guarda em muito a concepção de um real vazio. A questão clínica principal é como ele pode ligar alguém a algum lugar. Vale pensar na psicose, pois ela tem algo para nos ensinar nessa situação, uma vez que se sabe que há algo do sujeito no problema “o que com fazer isso? Pluga ou faz *log in* com realidade?”.

A primeira perspectiva pode cair numa teologia negativa já que só serve quando se está bem assentado no laço, pois tudo que se opor ao laço, uma vez bem feito e garantido, é bem-vindo. Ou seja, nessa perspectiva podemos dar boas-vindas a ruptura. Porém, quando o laço não está tão garantido e nem vai ser refeito, não faz sentido trabalhar sobre a ruptura.

Não caminhamos a estrada de uma síntese entre as duas formas de chegada ao real. Acontece que, se nós psicanalistas, não opormos vez ou outra essa teologia negativa do real com algum outro tipo de coisa ficaremos emudecidos frente algum tipo de situação clínica. Isso constitui um pouco o que fizemos aqui no ano passado quando se fala que o sujeito passa para a ideia do objeto. O objeto *a* já é um pouco diferente, sendo muito mais presença do que falta.

Esse é o caminho:  $S \rightarrow \text{objeto } a \rightarrow \Sigma$

Temos também o outro oposto. Na primeira perspectiva poderíamos dizer que a realidade é, sendo o problema que momentaneamente ela não é, é rompida. Estando o Real com ruptura como a realidade. Nesse trabalho faríamos uma abertura nesse algo que rompeu para mudar um pouco a realidade, mas sabendo que ela vai. Não queremos dizer que não

## *Lições da loucura*

podemos abrir essa ruptura, mas sim que se deve também pensar naquilo que mantém a realidade. O que se aproximaria em muito com a clínica da psicose.

Sobre esse singular, deve-se falar que ele não pode ser tão singular, uma vez que estávamos acostumados a ele como ruptura com seu caráter evanescente, não havia essa preocupação de um singular encaixado. Lacan mesmo fala na conferência, chega dessa história de real, realismo e realidade porque a sombra da metafísica já conspirou o nosso domínio da psicanálise, não é exatamente dessa forma que ele nos fala, mas como saída ele traz a associação livre.

O nó surge quando Lacan passa a lidar com a letra e não com o significante. No plano do nó as marcas tornam-se pontos reconhecidos, sem sentido, pedaços de real, mas que articulados instituem um ponto de basta, não mais impreciso, mas localizado, sem passar pelo pai ou pela estrutura.

## *Lições da loucura*

Graças a Tatiane Grova, segue um pequeno histórico da escrita de Schreber pelo próprio Lacan.

LACAN, J. *O Seminário* – livro 3: As psicoses. Rio de Janeiro: JZE, 1985, pp. 126-129.

Vamos começar pelo fim, e nos esforçaremos por compreender voltando ao início. Se adoto esta via não é simplesmente por um artifício de apresentação, ela é conforme à matéria que temos nas mãos.

Eis um sujeito que esteve doente de 1883 a 1884, que teve em seguida oito anos de repouso, e é no fim do nono ano após o início da primeira crise, em outubro de 1893, que as coisas recomeçam no plano patológico. Ele entra na mesma clínica onde havia sido tratado a primeira vez, dirigida pelo Dr. Flechsig, e vai ficar aí até meados de junho de 1894. Seu estado é complexo. É possível caracterizar-lhe o aspecto clínico como uma confusão alucinatória, e mesmo um estupor alucinatório. Mais tarde ele fará um relatório, certamente deformado, de tudo o que viveu. Dizemos confusão para caracterizar a maneira nebulosa como ele se lembra de certos episódios, mas outros elementos, e especialmente suas relações delirantes com diferentes pessoas que o cercam, serão suficientemente conservados para que ele possa dar um testemunho válido. É todavia o período mais obscuro da psicose. Notem bem que é somente através desse delírio que podemos ter conhecimento dele, já que também não estávamos lá, e que, sobre esse primeiro período, os certificados dos médicos não são ricos. Schreber se lembra dele seguramente bastante bem no momento em que ele vai testemunhar para poder aí estabelecer as distinções, e salientar em particular um deslocamento do centro do interesse nas suas relações pessoais para com o que ele chama de almas.

As almas não são seres humanos, nem essas sombras com as quais ele lida, mas seres humanos mortos com quem ele tem relações particulares, ligadas a toda espécie de sentimentos de transformação corporal, de inclusões, de intrusões, de trocas corporais. É um delírio em que a nota dolorosa representa um papel muito importante. Eu não falo ainda de hipocondria, que é aliás um termo vago em nosso vocabulário, projeto as grandes linhas.

Do ponto de vista fenomenológico, e mantendo-se prudente, admitir-se-á que há aí um estado que pode ser qualificado de crepúsculo do mundo. Ele não está mais com os seres reais – esse não está mais com é característico, pois ele está com outros elementos bem mais embaraçosos. O sofrimento é a tonalidade dominante das relações que ele mantém com eles, e elas implicam a perda de sua autonomia. Essa perturbação profunda, intolerável, de sua existência, motiva nele todas as espécies de comportamentos que ele só nos indica de uma forma forçosamente sombreada, mas cuja indicação temos pela maneira como é tratado – ele é vigiado, à noite é trancafiado, privado de qualquer instrumento. Ele aparece nesse momento como um doente num estado agudo muito grave.

Há um momento de transformação que se situa, nos diz ele, por volta de fevereiro-março de 1894. As almas com as quais ele tem suas trocas no registro da intrusão ou da fragmentação somática são substituídas pelos ditos Reinos divinos posteriores. Há aí uma intuição metafórica do que está por trás das aparências. Esses Reinos aparecem sob uma forma desdobrada, Ormuzd e Arimã. Aparecem também os raios puros, que se comportam de uma maneira bem diferente que as almas ditas examinadas, que são

raios impuros. Schreber nos fala da profunda perplexidade em que deixam os efeitos dessa pretensa pureza, que só se pode atribuir a uma intenção divina. Ela não deixa de ser perturbada por elementos provenientes das almas examinadas, e pregam aos raios puros todas as espécies de peças, tentam captar-lhe a potência em seu proveito, interpõem-se entre Schreber e sua ação benéfica. A tática da maior parte dessas almas, animadas por intenções malignas, é descrita de modo muito preciso, e nomeadamente a da figura de proa, Flechsig, que fraciona sua alma para repartir os seus pedaços no hiperespaço interposto entre Schreber e o Deus afastado de que se trata. *Eu sou aquele que está afastado*, encontramos essa fórmula que exprime um eco bíblico numa nota em que Schreber nos relata o que Deus lhe confia. O Deus para Schreber não é aquele que é, é aquele que está... bem longe.

Os raios puros falam, eles são essencialmente falantes, há uma equivalência entre raios, raios falantes, nervos de Deus, mais todas as formas particulares que eles podem tomar, até e inclusive suas formas diversamente miraculosas, entre as quais as tesouras. Isso corresponde a um período em que domina o que Schreber chama a *Grundsprache*, espécie de alto alemão delicioso que tem a tendência de se exprimir por eufemismos e por antífrases – uma punição se chama, por exemplo, uma recompensa e com efeito a punição é, à sua maneira, uma recompensa. Teremos de voltar ao estilo dessa língua fundamental, para repor o problema do sentido antinômico das palavras primitivas.

Subsiste sobre esse assunto um grande mal-entendido a respeito do que disse Freud, que fez mal unicamente ao tomar como referência um linguista que achavam um pouco avançado, mas que tocava em alguma coisa de preciso, ou seja, Abel. O Sr. Benveniste nos trouxe sobre isso no ano passado uma contribuição que tem todo o seu valor, ou seja, a de que não há como pensar, num sistema signifiante, a existência de palavras que designam ao mesmo tempo duas coisas contrárias. As palavras são feitas justamente para distinguir as coisas. Ali onde existem palavras, elas são forçosamente feitas por pares de oposição, elas não podem juntar em si mesmas dois extremos. Quando passamos à significação, é outra coisa. Não deve surpreender que se chame *altus* a um poço profundo, porque, diz-nos ele, segundo o ponto de partida mental em que está o latim, é do fundo do poço que isso parte. Basta-nos refletir que em alemão chama-se o juízo final de *jüngstes Gericht*, ou seja, *juízo mais jovem*, que não é a imagem empregada na França. Dizemos, no entanto, *votre petit dernier*<sup>21</sup> para designar o mais jovem. Mas o juízo final nos sugere antes a velhice.

Em 1894, Schreber é transferido para a casa de saúde do Dr. Pierson em Koswitz, onde ele fica quinze dias. É uma casa de saúde particular, e a descrição que dela nos dá apresenta-a, se posso assim dizer, como muito mordaz. Reconhecemos nela, do ponto de vista do doente, traços que não deixarão de deleitar aqueles que guardam algum senso do humor. Isso até que não é mau, é bastante brejeiro, tem o lado boa apresentação da casa de saúde particular, com seu caráter de profunda negligência da qual nada nos é poupado. Schreber não fica ali muito tempo, logo o enviam para o mais velho asilo psiquiátrico da Alemanha, no sentido venerável da palavra, em Pirna.

---

<sup>21</sup> [NT] Literalmente: *seu último pequeno*; trata-se de nosso africano *caçula*.

## *Lições da loucura*

Antes de sua primeira doença, ele estava em Chemnitz, é nomeado em Leipzig, depois é em Dresden que ele é nomeado presidente do Tribunal de Apelação, exatamente antes de sua recaída. De Dresden, é em Leipzig que ele vai se arranjar para ser cuidado. Koswitz fica em alguma parte do outro lado do Elba em relação a Leipzig, mas o lugar onde ele vai passar dez anos de sua vida está a montante do Elba.

Quando ele entra em Pirna, ainda está muito doente, e só começará a escrever suas *Memórias* a partir de 1897-98. Considerando que ele está num asilo público, e que as decisões podem demandar aí certo atraso, entre 1896 e 1898 ainda o colocam à noite numa célula dita de demente, onde ele se apodera, numa caixinha de flandres, de um lápis, pedaços de papel, e onde começa a compor pequenas notas, a que chama seus pequenos estudos. Há, com efeito, além da obra que nos legou, cerca de uns cinquenta pequenos estudos aos quais faz referência de vez em quando, que são as notas que ele tomou naquele momento, e que lhe serviram de material. É evidente que esse texto, que não foi, em suma, redigido muito antes de 1898, e que se estende quanto à sua redação até 1903, época da liberação de Schreber, já que ele compreende o seu processo, dá testemunho de uma maneira muito mais segura, muito mais firme, do estado terminal da doença. Quanto ao resto, nem mesmo sabemos quando Schreber morreu, mas apenas que ele teve uma recaída em 1907, e que foi admitido de novo numa casa de saúde, o que é muito importante.

Vamos começar na data em que ele escreveu suas *Memórias*. Tudo o que ele pode testemunhar a partir daquela data já é suficientemente problemático para nos interessar. Mesmo se não resolvermos o problema da função econômica do que chamei há pouco fenômenos de alienação verbal – chamemo-los provisoriamente alucinações verbais –, o que nos interessa é o que distingue o ponto de vista analítico na análise de uma psicose.